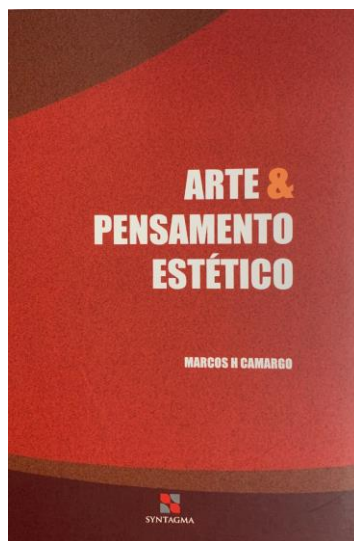


## ARTE E(M) EDUCAÇÃO: REFLEXÕES RESULTANTES DA EXPERIÊNCIA DO CORPO NO MUNDO

### ART AND(IN) EDUCATION: REFLECTIONS RESULTING FROM THE EXPERIENCE OF THE BODY IN THE WORLD

Cristiane Wosniak<sup>1</sup>

Sobre CAMARGO, Marcos H. *Arte & pensamento estético*. Londrina: Syntagma Editores, 2021. 260p, ISBN: 978-65-88724-15-6.



**Resumo:** Trata-se de uma publicação decorrente de um conjunto de textos autorais de Marcos H. Camargo, anteriormente publicados sob o formato de artigos, ensaios, excerto capítulos de livros, ao longo dos últimos 14 anos. O objetivo do autor, neste livro publicado em 2021 pela Editora Syntagma e contendo 260 páginas, é oferecer praticidade na busca de leituras e consultas aos/às interessados/as em pesquisas sobre educação, arte, filosofia e estética como produtoras de conhecimento. Na coletânea, composta por 11 textos, chama a atenção o protagonismo do corpo, visto que é por meio das relações experienciais/sensíveis entre o corpo e o mundo das coisas existentes que se produz pensamento e(m) apreensão do conhecimento.

**Palavras-chave:** Arte; Educação; Corpo; Cognição; Pensamento Estético.

---

<sup>1</sup>Doutora e Mestre em Comunicação e Linguagens – Estudos de Cinema e Audiovisual (UTP). Docente adjunta da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Docente permanente do PPG-CINEAV/Unespar e do PPGE/UFPR [linha LiCorEs]. Líder do GP CineCriare – Cinema: criação e reflexão (PPG-CINEAV/CNPq) e membro do GPLabelit – Laboratório de estudos em educação, linguagem e teatralidades (PPGE/CNPq). E-mail: cristiane.wosniak@unespar.edu.br

**Abstract:** This is a publication resulting from a set of texts by Marcos H. Camargo, previously published in the form of articles, essays, excerpts and book chapters, over the last 14 years. The author's objective, in this book published in 2021 by Editora Syntagma and containing 260 pages, is to offer practicality in the search for readings and consultations to those interested in research on education, art, philosophy and aesthetics as producers of knowledge. In the collection, made up of 11 texts, attention is drawn to the protagonism of the body, since it is through the experiential relations between the body and the world of existing things that thought and (m) apprehension of knowledge are produced.

**Keywords:** Art; Education; Body; Cognition; Aesthetic Thinking.

Qual seria a mais vital necessidade de um ser vivo? Seria possível admitir que a lógica e a estética não são polos opostos, mas sim componentes integradores e formadores da cognoscência humana? Estaria a estética destinada a uma triste nota de rodapé na história da arte? Essas são algumas das muitas indagações que nortearam a iniciativa que deu origem ao projeto desenvolvido por Marcos H. Camargo com a finalidade de empreender uma verdadeira ‘viagem’ ao interior do pensamento estético e, a partir daí, extrair ideias e conceitos sobre temas diversos, mas que não se deslocam para muito longe do campo da estética e da arte. Trata-se de áreas convergentes que povoam os estudos e as práticas de pesquisa e docência do autor, que atua em diversos cursos de graduação e pós-graduação.

Marcos H. Camargo é Pós-doutor pela Escola de Comunicação (ECO-UFRJ), Doutor em Artes Visuais (IAR-UNICAMP), Mestre em Comunicação e Linguagens (PPGCom-UTP), além de ser Especialista em História do Pensamento Contemporâneo e em Economia e Sociologia (PUC-PR). Na Universidade Tuiuti do Paraná, lecionou para os cursos de Bacharelado em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade, entre os anos de 2004 a 2006. Na Universidade Estadual do Paraná – *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná, desde 2006, leciona para os cursos de Bacharelado em Cinema e Audiovisual, Artes Cênicas, Música e Dança. De 2014 até 2018, exerceu o cargo de Chefe da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação do *campus* de Curitiba II/FAP. Desde 2018 é docente permanente do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Artes (PPGArtes/Unespar). Desenvolve pesquisas nas áreas de Filosofia, Estética e Semiótica. Além da presente publicação, é também autor dos livros: *Cognição estética: o complexo de Dante* (2013); *Formas diabólicas: ensaios sobre cognição estética* (2017) e *Caminhos do Conhecimento* (2022).

O primeiro capítulo da presente obra contém 21 páginas e intitula-se *A cognição estética e a formação da memória*. O conteúdo teórico foi extraído de um dos capítulos do livro *Arte & Conhecimento: tudo a ver*(2016)<sup>2</sup>organizado por Luiz Fernando Pereira, Marcos H. Camargo e Solange StraubeStecz. Este excerto teve especial participação do Professor Doutor Luiz Fernando Pereira, Biólogo, Especialista em Didática do Ensino Superior (PUC-PR), Mestre em Ciências:

---

<sup>2</sup>O conteúdo completo (formato pdf) deste livro pode ser acessado no site da Unespar/FAP – campo ‘publicações’: <https://fap.curitiba2.unespar.edu.br/sobre/publicações>. Acesso em 02 jan. 2023.

Bioquímica (UFPR), Doutor em Ciências: Bioenergética (UFPR) e Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Curitiba II/FAP, além de ser Professor Titular da PUC-PR.

O debate acerca da estética e da arte é introduzido por meio de um vigoroso mergulho em questões que trazem à tona os conceitos de *logos etechné*, pelo viés das filosofias platônica, cristã, cartesiana, moderna e iluminista. As formas de cognição, percepção, memória e relações do corpo com o meio ambiente são também discutidas a partir da perspectiva da biologia humana e da experiência sensorial deste corpo em eventos que o tenham afetado na natureza. Muitas páginas são dedicadas a esclarecer e diferenciar a constituição da memória implícita (inefável ou tácita) e da memória explícita (declarativa ou discursável). De acordo com Camargo:

A clara distinção que é possível vislumbrar com relação às memórias implícita e explícita, motiva a pensar que existem duas qualidades irreduzíveis de cognição na espécie humana, em função da divisão cerebral em áreas com funções mnemônicas distintas – memórias estéticas e memórias lógicas (p. 21).

Pela leitura deste excerto fica evidente que na sociedade contemporânea urge (re)pensar modos de obtenção e apreensão do conhecimento a partir de outras linguagens e não mais apenas a verbal ou numérica/matemática. Torna-se necessário voltar-se também à percepção de imagens, sons, movimentos, gestos etatilidades, visto que na era digital as mensagens veiculadas pelas múltiplas plataformas midiáticas são formadas, majoritariamente, por/com signos sinestésicos, abertos e plurais e não redutíveis ao verbo ou ao número.

O segundo capítulo, contendo 24 páginas, denomina-se *Neurociências: estética e o novo status do inconsciente* e se constitui um artigo publicado, originalmente, pela *Revista Art&Sensorium*,<sup>3</sup> em 2019.

A escrita é rica em referências a teorias sobre as ciências cognitivas e à psicologia evolutiva. Camargo esclarece que as pesquisas realizadas e publicadas sobre o cérebro constantemente nos fazem rever as antigas crenças tradicionais

---

<sup>3</sup>O artigo completo pode ser acessado no site da *Revista Art&Sensorium* (2019, v. 6 nº 2) pelo link: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2827>. Acesso em: 02 jan. 2023.

sobre consciência e inconsciência, admitindo que tais crenças obsoletas não são mais capazes de explicar os fenômenos cognitivos e mentais na contemporaneidade. Dentre os autores trazidos para o debate, destaca-se António Damásio e a sua obra específica *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura* (2018)<sup>4</sup>. Imbuído da leitura deste texto em particular, Camargo empreende uma jornada filosófica colocando em debate a razão e a emoção, não entendendo as emoções unicamente como desvios temporários da racionalidade.

Em suas palavras:

A sensibilidade, a percepção, a interocepção e as instâncias do inconsciente foram alçadas ao mesmo status da consciência racional, reivindicadas pela ciência e filosofia – vale dizer que o pensamento estético e o pensamento lógico agora se equivalem. A partir daqui precisamos considerar em alto grau a experiência do corpo no mundo, os sentimentos, emoções, pulsões e paixões como fundamentos da cognição – a sensibilidade e a razão são frutos da mesma circuitaria cerebral que compreende tanto equações lógicas, como experiências estéticas (p. 55).

Alerta o autor que, diante destas importantes descobertas e revelações da ciência contemporânea, somos cada vez mais responsáveis por superar crenças milenares e preconceituosas contra a percepção sensível e o próprio corpo. Quando assumirmos, de fato, tal responsabilidade, estaremos aptos a construir outros valores civis para preencher o vazio ético, estético e cognitivo em que nos encontramos há muito tempo.

*Notas sobre possíveis origens da comunicação humana* é o título do terceiro capítulo, que contém 23 páginas e que resulta de um artigo publicado originalmente pela *Revista Palindromo*,<sup>5</sup> em 2020.

A comunicação humana e o aparecimento das linguagens organizadas pela cultura são os temas debatidos neste instigante texto que se dedica a explorar contextualmente as possíveis origens das linguagens, pelo viés da história e da filosofia. A disputa entre imagem e palavra, imprecisão e precisão é demonstrada

<sup>4</sup> Para maiores informações, consultar: DAMASIO, António. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

<sup>5</sup> O artigo completo pode ser acessado no site da Revista *Palindromo* (2020, v. 12 nº 28) pelo link: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/15228/11774>. Acesso em: 02 jan. 2023.

em sua origem e o que se percebe, em cotejamento aos estudos e teorias atuais, é um diálogo amistoso e uma possível contaminação em ambos os sentidos.

Camargo menciona que, possivelmente, a linguagem verbal/oral tomou de empréstimo comunicações mais básicas, tais como gestos, mímicas e imagens com o intuito de compor signos verbais reconhecíveis na cultura.

Contendo 23 páginas, o quarto capítulo intitulado *Os arquétipos do sagrado e do profano* configura como um texto extraído de um dos capítulos do livro *Formas diabólicas: ensaios sobre cognição estética (2017)*<sup>6</sup>.

O autor intenta explicitar as associações conflituosas entre a estética e a filosofia e entre a estética e a religião, tendo por cenário do debate o corpo humano e suas relações com os diferentes períodos históricos. A lógica judaico-cristã, no que concerne à noção de corpo, é abordada nos seus aspectos opositivos/dualistas: corpo *versus* alma.

Os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles são trazidos pelo autor para embasar o discurso do corpo, da religião e introduzir as questões referentes aos arquétipos do que concerne ao sagrado e ao profano. Estudos e pesquisadores do campo do sagrado deslocam as discussões sobre os ritos, os totens e os tabus para exemplificar os sentidos do que é/foi permitido ou proibido ao corpo em diferentes épocas. Camargo associa, em alguns pontos, a esfera do sagrado à esfera da estética. Em outros termos:

O âmbito do sagrado se assemelha à esfera do estético, de vez que abarca tudo aquilo que a razão humana não explica, embora se possa perceber, sentir, experimentar. O lugar do sagrado corresponde ao terreno do estético, onde não existem leis, normas, modelos lógicos, enquanto transbordam energias originais e criativas (p. 93).

Assim, conclui o autor que a comunicação do sagrado ocorre sempre por meio de sinais estéticos.

O quinto capítulo denomina-se *Princípios da Aisthesis*. Ao longo de 23 páginas e 9 seções, este texto, que é composto a partir de um artigo publicado em

---

<sup>6</sup> O conteúdo completo (formato pdf) deste livro pode ser acessado no site da Editora Syntagma no link: <https://syntagmaeditores.com.br/livraria/formas-diabolicas>. Acesso em: 02 jan. 2023.

2011, pela *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação (BOCC)*,<sup>7</sup> explana sobre os princípios e valores da lógica e da estética, trazendo para a arena do debate os postulados de Sócrates, Platão e Aristóteles em correspondência e atualização com filósofos e pensamentos do século XX e XXI. Na seção *Imagem e Pensamento*, Camargo evidencia que a estética deve ser entendida como uma área de conhecimento distinta da ciência, filosofia, mitologia ou do senso comum, que se constituem como formas de pensamento conceituais. Para o autor, a cognição sensível (estética) “pode conhecer o mundo sem conceituá-lo, mas, por outro lado, não há conceituação sem a prévia percepção das regularidades do real, de modo que o logos depende da *aisthesis*” (p. 122).

Isto posto, Camargo encerra o texto com uma asserção contundente.

Enquanto a lógica visa conhecer o mundo de modo distinto e claro (delimitando identidades), o real em si mesmo se nos apresenta de maneira confusa e obscura, em cadeias indefinidas de fenômenos que se inter-relacionam e se fundem rizomaticamente. De modo que ao sentenciar a estética como um saber confuso e obscuro, a lógica, de fato, concede à estética uma forma de parentesco com o devir, que não se constitui de identidades conceituais (p. 23).

*As estéticas e suas definições* é o título do capítulo 6, composto por 18 páginas e resultante de um artigo publicado originalmente pela *Revista Científica FAP – Revista de Pesquisa em Artes*, em 2009.<sup>8</sup> Trata-se do mais antigo texto que integra a presente publicação. O texto carrega um vigoroso empreendimento filosófico com a finalidade de discutir a arte em relação às filosofias, ciências e técnicas.

Para Camargo, se ainda hoje a estética – quando entendida como filosofia da arte – se vê debatendo o principal problema do pensamento sistemático, qual seja o de definir o mundo em conceitos abstratos para normalizar a realidade, então é compreensível que a suposta ‘definição’ do que seja a arte tornou-se uma importante preocupação/obsessão por parte dos filósofos contemporâneos. É desta

---

<sup>7</sup> O artigo completo pode ser acessado no referido site pelo link: <http://www.bocc.ubi.pt/http://www.bocc.ubi.pt/pag/camargo-marcos-principios-da-aisthesis.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023.

<sup>8</sup> O artigo completo pode ser acessado no site da *Revista Científica/FAP* (2009, v. 4 nº 1) pelo link: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1593/933>. Acesso em: 02 jan. 2023.

forma que filósofos como Kant e Hegel desfilam por entre as páginas do texto, ao lado de Nietzsche, Bell, Cauquelin, Weitz e Goodman trazendo, cada um a sua maneira, alguns conceitos sobre a arte.

O texto encerra com uma espécie de revisão/síntese, sob a forma de uma tabela didática contendo os principais períodos da História da(s) Artes, os pensamentos/pensadores, seus conceitos e respectivos vínculos com a filosofia.

Ao longo de 17 páginas, o sétimo capítulo denominado *Para onde vai a estética?* também se dedica, à semelhança dos capítulos 5 e 6, a introduzir a discussão sobre o campo da estética, suas características, seu alcance cognitivo e suas relações com a filosofia e a ciência. Escrito originalmente em 2012 e publicado pela *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação(BOCC)*,<sup>9</sup> o autor inicia o texto com uma pergunta categórica: estaria a estética destinada a uma triste nota de rodapé na história da arte?

Atenta-se para o fato de que, na contemporaneidade, não se pode mais prever o que seja a arte e seus pressupostos canônicos caducaram diante da hipervelocidade com que as tendências emergem e submergem, não deixando tempo para a consolidação de qualquer norma ou gênero. É diante desta conclusão que o autor destaca: “os artistas não[mais] consultam os manuais de estética como guias para suas ações [...] produzindo de tudo com que se pode gerar uma experiência estética” (p. 143-144).

A conclusão de Camargo nos remete à análise apurada das evidências dispostas nos 3 diagramas ao longo do texto que resumem e atestam que a inferência estética responde por parte fundamental do conhecimento humano.

Nesse sentido, a estética não pode ter sua pesquisa menosprezada, de vez que já faz parte das neurociências, teorias da percepção, das ciências cognitivas e da psicologia evolucionista, ou seja, **a estética não pode se tornar uma nota de rodapé na história do conhecimento**, justamente agora, quando seus fundamentos contemporâneos vêm sendo tão requisitados pela nova epistemologia (p. 158-159 – grifo nosso).

---

<sup>9</sup>O artigo completo pode ser acessado no referido site pelo link:<http://bocc.ubi.pt/pag/camargo-marcos-para-onde-vai-a-estetica.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023.



*O conceito como mimesis e a verdade da arte* é o título do oitavo capítulo, composto por 20 páginas. O título se refere a um artigo publicado em 2013 na *Revista Travessias* (Unioeste)<sup>10</sup>.

Empreende-se aqui um percurso elucidativo acerca das representações semióticas das 'coisas' do mundo e da mente produzidas pelos seres humanos ao longo de sua história. Destaca-se a antiguidade da imagética em relação à gramaticalização verbal e as implicações da ampliação do vocabulário verbal nos processos de comunicação imediata e eficiente das imagens-pensamento. Abordam-se reflexões sobre o complexo conceito de 'verdade' da representação e sobre a ideia de objetividade a partir da tradição filosófica.

O final do texto expõe algumas indagações: como podemos afirmar que a verdade é a melhor adequação do pensamento ao real, se esta afirmação acerca do mundo é meramente humana? Existiria apenas uma verdade objetiva e total? Os seres humanos não estão presos em sua própria subjetividade?

Como conclusão – ao menos temporária – afirma o autor:

[...] se libertarmos a arte da tradição filosófica que a entende como um meio auxiliar na busca pela verdade, poderemos verificar que os artefatos não são cognitivamente acessíveis apenas por meio de sua melhor interpretação. Antes, pelo contrário, as obras artísticas liberam-nos da verdade ao aceitarem inúmeras interpretações dos afetos que elas provocam em nossa sensibilidade (p. 179).

O capítulo 9 é denominado *As linguagens híbridas e suas formas diabólicas*. O texto é extraído do quarto capítulo do livro *Artes e experimentações na hipermodernidade: relações sociais, linguagem digital e intercâmbios digitais* (2015)<sup>11</sup> organizado por Alexandre Torresani de Lara e Hertz Wendel de Camargo e publicado pela Editora Syntagma.

Camargo reflete sobre as semelhanças e diferenças entre o conhecimento conceitual e o conhecimento perceptivo, na contemporaneidade, asseverando-

---

<sup>10</sup>O artigo completo pode ser acessado no site da *Revista Travessias* (2013, v. 7 nº 2) pelo link:<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/9265>. Acesso em: 02 jan. 2023.

<sup>11</sup>O conteúdo completo (formato pdf) deste livro pode ser acessado no site da Editora Syntagma no link:<https://syntagmaeditores.com.br/livraria/artes-e-experimentacoes-na-hipermodernidade>. Acesso em: 02 jan. 2023.

nosque as mensagens se apresentam muitas vezes misturadas e confundidas em linguagens hibridizadas pelas características tecnológicas das mídias atuais.

O conhecimento conceitual é inteligível e deriva da leitura e interpretação das formas simbólicas que compõem os signos (linguagens) da cultura. Os signos (formas simbólicas) duplicam o real por meio de representações ‘inteligíveis’ das coisas do mundo e do imaginário. A palavra ‘símbolo’ (associação, união e unidade) mantém relações antagônicas/opostas com a palavra ‘diabo/*diabollos*’ – que significa aquilo que separa e desune.

Em um convite aos leitores, para usar a palavra ‘diabolo’ sem conotação religiosa ‘judaico-cristã’, o autor se refere a ela como a conotação da impossibilidade de atribuir às ‘coisas do mundo’ uma forma fechada, coletiva e previamente fixada. Assim, as linguagens artísticas e híbridas, seriam associadas às formas diabólicas, em devir, por estarem no campo das singularidades e em oposição às generalizações reducionistas.

Camargo afirma que:

As formas diabólicas são o *alfa et omega* da cognição humana, contudo, para comunicar seu conhecimento é necessário recorrer a linguagens híbridas, atualmente desenvolvidas pelas mídias digitais, que comportam em seus processos semoventes o verbo, o número, a imagem, o som, o movimento e o tato – mesclando todas essas formas diabólicas, enquanto produzem conhecimentos estéticos e lógicos bem mais revolucionários que aqueles inspirados pela veneranda tipografia gutenberguiana (p. 206-207).

*A obra de arte como coisa supérflua* é o título do capítulo 10 que é composto por 22 páginas e se constitui de um artigo publicado em 2020 pela Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais –*Art&Sensorium*.<sup>12</sup>

O texto aqui mencionado, à semelhança do capítulo 9, aponta relações inusitadas entre a razão e a sensibilidade. Apresenta-se as linguagens, por meio das quais se desenvolvem obras de arte, enquanto se revisita o compromisso da arte

---

<sup>12</sup>O artigo completo pode ser acessado no site da Revista *Art&Sensorium* (2020, v. 7 nº 1) pelo link:<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/3565>. Acesso em: 02 jan. 2023.

modernista com o pensamento abstrato e sua disputa platônica entre *logos* e *aisthesis*, pela posse cognitiva da arte humana.

No encerramento do texto, o autor proclama efusivamente:

Um dos muitos papéis cognitivos da obra de arte se realiza ao perturbar o espectador, provocando-lhe sensações corporais, prazer, angústia, estados de euforia, intuições, repulsa, inquietação ou estupor. Para manter sua atividade cognitiva e cultural, a obra de arte não pode ser gerida por conceitos, não pode ter seu corpo estético minimizado, medido ou modelado por teorias abstratas de pensamento. A força revolucionária da arte não age segundo conceitos, mas transformando a sensibilidade do perceptor, abrindo-lhe um mundo novo de perspectivas (p. 229).

Em outras palavras: não é função da obra de arte secundar uma reflexão filosófica, pois sua existência não depende do pensamento que suscita.

O livro ainda traz um *Post Scriptum* intitulado *A pesquisa em Arte*. Ao longo de 18 páginas o autor se reporta ao fato de que esta obra se destina a estudantes, professores, artistas, pesquisadores e a todos àqueles que entendem que a arte opera de diversas formas, de diversas maneiras, estilos, técnicas, estéticas e propostas de criação. O relevante aqui, como destaca o autor, é pensar e se preparar para uma nova realidade epistêmica: a pesquisa com artes, sobre artes e em artes é talvez a mais recente modalidade de investigação do real, que está constantemente se mostrando muito útil ao entendimento do campo da realidade que a lógica-científica não alcança com seus métodos e critérios de análise.

A obra de arte é um existente, não pode ser entendida como um conceito, nem como equação. As obras de arte – todas as artes – não são essências, mas ‘coisas em si’, não são universais, mas singulares.

Marcos Camargo em *Arte & pensamento estético* acredita que o século XXI saberá reconhecer o valor epistemológico da pesquisa artística, incorporando suas investigações ao esforço coletivo de compreender o mundo em que vivemos.

## Referência

CAMARGO, Marcos H. **Arte & pensamento estético**. Londrina: Syntagma Editores, 2021.

Recebido em: 03/01/2023

Aceito em: 08/03/2023